

## apresentação

Apresentamos aos leitores o 15º número da revista *Alere*, uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – PPGEL da Universidade do Estado de Mato Grosso. Este número tem, como dossiê temático, as múltiplas relações possíveis de serem estabelecidas entre os campos da Literatura e da História.

A despeito das reiteradas objeções com que se defrontou ao longo do século passado, sustentadas por teorias de matriz formalista e estruturalista, principalmente, a relação entre a literatura e a história tem subsistido nas revisões propostas por campos de investigação interdisciplinar, como é o caso do novo historicismo, do materialismo cultural, da literatura comparada, da estética da recepção, dos estudos pós-coloniais, entre outros. Todorov (2010) aponta um desgaste das abordagens de cunho formalista - “embriagadas consigo próprias”, segundo Colí (2010) -, concluindo que “estudamos mal o sentido de um texto se nos ativermos a uma abordagem interna estrita, enquanto as obras existem sempre dentro e em diálogo com um contexto”<sup>1</sup>.

O objetivo deste dossiê é propiciar reflexões sobre os mais variados temas referentes à complexa relação entre os campos da

---

<sup>1</sup> TODOROV, Tzvetan. *A Literatura em Perigo*. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

literatura e da história. Os estudos aqui reunidos reavaliam os procedimentos da historiografia literária e seus conceitos, problematizam teoricamente a relação literatura-história, analisam a relação de obras e autores com os quadros políticos, sociais e intelectuais de sua época, investigam as particularidades de gêneros híbridos, como a utopia, a biografia, a autobiografia, o romance histórico, entre outros.

Nosso dossiê começa com um amplo panorama da complexa relação entre os campos da História e da Literatura, mais especificamente, sobre a reflexão teórico-crítica desta relação interdisciplinar, apresentado por Felipe dos Santos Marias, no artigo “Literatura e História: aproximações e afastamentos ao longo do tempo”. O autor apresenta e discute, de forma cronológica, as contribuições mais relevantes, seja na historiografia, na teoria da história e da literatura, na filosofia da arte, na ficção, etc., desde a epopeia homérica até os dias atuais. Dá ênfase a conceitos como representação, ideologia, verossimilhança, narrativa e intertextualidade na elaboração das escritas historiográficas e literárias.

Em “Narrativas históricas e ficcionais: escritas híbridas”, Paulo Alberto da Silva Sales e Zênia de Faria investigam a relação entre escrita ficcional e escrita da história, tendo por base os pressupostos teóricos da *École des Annales*, da *Nouvelle Histoire* e da Meta-história, partindo da seguinte questão: “como as narrativas dos acontecimentos históricos se servem da narrativa ficcional e vice-versa?” Através de um percurso pautado pelos principais aportes teóricos e metodológicos que estes movimentos historiográficos trouxeram para a reflexão sobre a escrita da história (a interdisciplinaridade, a ampliação temática do objeto de estudo, o uso consciente de estratégias e técnicas da narrativa ficcional, entre outros), os autores elucidam o aspecto híbrido (histórico-ficcional) estruturante do gênero do romance histórico. Mostram também

como se dá a interdependência entre Literatura e Historiografia na contemporaneidade.

Thomas Heverton S. Pereira defende a ideia de que o padre Antonio Vieira remodela os paradigmas da historiografia tradicional em três de seus escritos, *Esperanças de Portugal*, *A chave dos Profetas* e *História do Futuro*, colocando-se como um “historiador do futuro”, indicando, assim, as possibilidades de uma “historiografia do futuro”. O autor vincula este procedimento de Vieira aos pressupostos de alguns movimentos historiográficos contemporâneos, como o da Nova História, partindo, em seguida, para uma análise e contextualização dos textos vieirenses.

José Carlos Patrício e Francelli Aparecida da Silva Mello apresentam uma análise do foco narrativo e do protagonista de uma das novelas que compõem o livro *As Vítimas Algozes: quadros da escravidão*, no estudo “O Feitiço contra o Feiticeiro: uma análise de “Pai-Raiol – o Feiticeiro”, de Joaquim Manuel de Macedo. Na primeira parte, os autores introduzem a questão da representação do negro na literatura brasileira do século XIX, enfatizando que, ao contrário da representação do índio como figura máxima do Romantismo brasileiro, que lhe é anterior, ela só ganha força a partir do movimento abolicionista. Amparados pelo estudo de Brookshaw, Patrício e Mello destacam os modelos de negro fiel, nobre, demoníaco e imoral, que surgem com esta literatura de cunho abolicionista. Ao estudarem o narrador e o protagonista de “Pai-Raiol – O feiticeiro”, concluem que a despeito da “boa intenção” de Macedo, “ao longo da narrativa, podemos observar que o autor deixa entrever uma postura depreciativa em relação ao escravo, na medida em que enfatiza o mal que ele pratica”. Isto pode ser observado também nas outras duas novelas que compõem a obra. Contudo, em “Pai-Raiol”, a demonização e o isolamento do feiticeiro podem ser vistos como a tentativa de silenciar uma possível liderança política, capaz de levar a uma insurreição contra o sistema

escravocrata, o que, segundo os autores, “contrariava o projeto imperial de uma abolição gradativa e consensual”.

As noções de “memória”, “identidade” e “história” fundamentam a análise do romance *Viva o Povo Brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, feita por Fábio Henrique Novais de Mesquita, Márcia Manir Miguel Feitosa e Cláudia Letícia Gonçalves Moraes em “Memória tecida, identidades reclamadas: relações entre Brasil e África em *Viva o Povo Brasileiro*”. Segundo os autores, o profundo conhecimento da história e da cultura africana e brasileira, aliado ao emprego de uma peculiar ironia, permite ao escritor brasileiro criar personagens oriundos de diversos períodos da história brasileira, num lapso temporal que cobre o século XVII até o século XX, cujas histórias, construídas principalmente pelo fio da memória, desafiam a perspectiva de uma “história unívoca”, a história dita oficial, e, ao mesmo tempo, reconfiguram a imagem do negro africano, num momento histórico crucial, de grande mudança política e social: o fim da ditadura e a entrada da democracia.

Heloisa Juncklaus Preis Moraes e Luiza Liene Bressan investigam a relação entre Literatura, Imaginário e História, tendo por base a obra de Valdemar Muraro Mazzurana, *Operários de Primeira Hora* (2012), em “Bacia semântica e o trajeto antropológico em uma narrativa histórico-literária sobre a imigração italiana: marcas de ancestralidade”. Para as autoras, Literatura e História entretecem a narrativa da Mazzurana, sustentando “o imaginário nas correntes migratórias italianas do sul catarinense”. Partindo, portanto, dos pressupostos de Gilbert Durand e outros estudiosos do imaginário, percebem que, em *Operários de Primeira Hora* é possível encontrar fortemente a presença de mitos como o da *cocagna*, o da terra prometida e o do desbravador, que são reatualizados numa situação histórica específica: a da diáspora italiana em Santa Catarina.

Em “Alegoria e representação da realidade na obra *Cabeça de Papel*, de Paulo Francis”, Bárbara del Rio Araújo contesta o

posicionamento crítico de boa parte dos estudiosos que se dedicaram à análise dos romances brasileiros da década de 70, como o de Paulo Francis. Sua argumentação parte da conferência “Jornal, realismo, alegoria: o romance brasileiro recente”, de David Arrigucci Jr., em que o crítico destaca (e reprova) o aspecto alegórico desta produção romanesca que, ao privilegiar uma narrativa fragmentada, busca compreender (sem sucesso, a seu ver) a situação geral por que passava o país. Com base no conceito de alegoria em Walter Benjamin – em contraste com a definição de alegoria de Lukács –, a autora propõe uma nova interpretação do romance de Paulo Francis (e, conseqüentemente, da mencionada produção romanesca), em que a forma alegórica pode ser vista como uma estratégia para driblar a censura militar, e ainda mais importante que isto, como um procedimento legítimo de representação da realidade.

Júlia Ciasca Brandão faz uma análise da *Utopia* do jesuíta alemão Jakob Bidermann, publicada em 1640. Homônima ao texto que deu origem ao gênero utópico, a *Utopia* de Bidermann traz o relato de uma viagem feita por três amigos a um país onde se celebra perpetuamente o Carnaval, as regras de conduta inexistem e o excesso predomina, um típico exemplo de “mundo de cabeça para baixo”. No entanto, segundo a autora, Bidermann, seguindo a tradição das narrativas de *exempla*, busca evidenciar os vícios de seu próprio mundo, movido por uma intenção didática, que se caracteriza pelo *ridendo dicere verum*. A autora busca situar o texto de Bidermann tanto historicamente quanto em relação a gêneros literários do período e a manifestações culturais. Para tanto, faz considerações, principalmente, sobre a noção de Carnaval, sobre o tratamento dado ao riso na Idade Média até o Barroco e sobre o gênero utópico, com o qual a obra dialoga.

Uma análise do romance *O Pai Goriot*, de Balzac, à luz da concepção lukacsiana de realismo é o que nos oferece Renata Altenfelder Garcia Gallo. Seu estudo se divide em duas partes: na

primeira, a autora elucida as noções de “romance”, “realismo” e “tipicidade” em Lukács. Assim, o romance como epopeia burguesa é o gênero que melhor evidencia as contradições inerentes ao mundo moderno. O realismo romanesco busca representar do modo mais fiel tais contradições vividas em um determinado momento histórico, por meio de uma análise objetiva desta realidade. E o personagem típico é aquele que concentra em si, no mais alto grau, as tensões e os movimentos da história em determinada época. A partir destas considerações, na segunda parte do estudo, a autora nos apresenta sua leitura do romance balzaquiano, concentrando-se na importância da técnica descritiva e na construção da personagem de Eugène de Rastignac, exemplo de personagem típica, por ser “aquele que concentra tanto as tendências mais universais de sua espécie quanto as suas singularidades, as quais o constituem com um indivíduo”, e por personificar as contradições do processo social francês da época da Restauração dos Bourbons.

Camila Franco Batista, em “The (re)writing of the female figure and Irish-American History in Nuala O’Connor’s *Miss Emily*”, analisa a releitura, em chave ficcional, de uma figura histórica, a poeta Emily Dickinson, a fim de explorar questões como sexualidade, violência sexual e papéis de gênero. Analisa também questões de migração e discriminação racial nas relações entre Irlanda e Estados Unidos, por meio do estudo da personagem fictícia de Ada Concannon, a empregada da casa dos Dickinsons. Segundo a autora, Nuala O’Connor se vale de uma brecha na biografia de Emily Dickinson para criar uma versão ficcional da poeta, que a possibilita abordar tais questões, sugerindo que as mulheres têm um lugar de relevância na sociedade, assim como na literatura e na história, ao contrário do que se pode deduzir de teorizações clássicas do romance histórico de matriz lukacsiana, cuja ênfase está na ação de protagonistas masculinos e cuja temática se volta para questões do mundo político, das guerras e dos conflitos.

Em “Múltiplos olhares: a personagem Malinche nas obras de Marcela Del Río e Elena Garro”, Fabiane Cristiane Carlos Freitas e Fernanda Aparecida Ribeiro têm como ponto de partida o mito de Malinche, tal como se encontra nas crônicas de Bernal Díaz Del Castillo, base para grande parte da historiografia e da literatura produzida acerca desta personagem histórica, uma das figuras centrais nos relatos da Conquista do México. Em seguida, contestam a imagem negativa criada a partir dos discursos nacionalistas do século XIX, de Malinche como mulher traidora de seu povo, e investigam, na literatura contemporânea, especificamente no conto de Elena Garro (“La culpa es de los tlaxcaltecas”) e na peça teatral de Marcela Del Río (*El sueño de la Malinche*) como se deu o processo de desconstrução desta imagem tradicional, fazendo surgir novas interpretações sobre o seu protagonismo durante a Conquista do México, agora através de uma perspectiva feminina.

Geraldo Witeze Jr. nos fala da leitura feita por Vasco de Quiroga da *Utopia* de Thomas More, intermediada por sua interpretação das *Saturnais*, de Luciano de Samosata, como um dos elementos basilares de sua proposta para a criação de seus *pueblos-hospitales*, povoados exclusivos para os nativos das terras da Nova Espanha, onde pudessem ser protegidos dos espanhóis e, em seguida, evangelizados. Do texto de Luciano, Quiroga extrai o tema da Idade de Ouro, que passa a funcionar como descrição dos povos indígenas e ao mesmo tempo como um “espelho crítico para os europeus”, em que sua decadência se revela. O texto de More oferece a descrição da melhor forma de governo aos olhos do bispo espanhol, para quem tal projeto só poderia ser eficazmente realizado com a presença efetiva dos índios, que – por terem mantido a simplicidade e a dignidade em seus costumes, nos moldes caros aos humanistas do século XVI, sendo, assim possível, relacioná-los às virtudes cristãs como características a eles inerentes –, indicavam a possibilidade de construção de um mundo melhor e de uma igreja renovada. Deste modo, “*As Saturnais* aparecem como chave

interpretativa da obra de Morus para a elaboração do projeto político-social de Quiroga”.

Em “Retratos de uma guerra passada: os biombos da conquista mexicanos”, Alfredo Cordiviola se ocupa das várias formas de representação dos episódios iniciais da conquista do México, principalmente nos biombos de Juan Correa tendo como ponto de partida para sua análise a cena do primeiro encontro entre Moctezuma e Cortés. Após o cotejo com textos historiográficos que abordam esta passagem da história mexicana, como os de Francisco López de Gómara, de Bernal Díaz del Castillo e de Antonio de Solís, entre outros, o autor acredita ser recorrente, na América dos séculos XVII e XVIII, a imagem dos nativos como aqueles que outorgam aos invasores europeus, sem objeções, as prerrogativas e os poderes para o governo de seus territórios, estando esta outorga marcada por uma cena primordial e pacífica, que inaugura a nova ordem colonial. Com tais cenas, “o biombo alude a um mundo ordenado, e ao lugar que a Nova Espanha, e a história da Nova Espanha, aspirava a ocupar nesse mundo”.

Em “A imanência e a transcendência e outras relações dialéticas em *San Manuel Bueno, mártir*” de Miguel de Unamuno”, Marcia Romero Marçal investiga a complexa relação do homem de fins do século XIX e início do século XX com o processo de modernização europeia, principalmente na cultura espanhola, numa narrativa que encerra o que a autora chama de “um universo arcaico cristão decadente”. O protagonista do romance de Unamuno, um clérigo, personifica a dúvida em relação à imortalidade da alma e, conseqüentemente, à ideia de salvação e de um mundo outro além da vida terrena. No entanto, cala seu ceticismo e orienta a comunidade em que vive a aceitar a fé católica, como uma forma de ilusão necessária. Este é o fulcro a partir do qual a autora explora as noções de imanência e transcendência no romance de Unamuno.

Tieko Yamaguchi Miyazaki, em “Os últimos *Passos Perdidos*, de

Alejo Carpentier”, faz uma análise do romance do escritor cubano, tendo como ponto de partida algumas reflexões feitas por críticos literários hispano-americanos, como Ivan Schulman, Jorge Luís Borges, Otto Maria Carpeaux, entre outros, sobre o papel do escritor e sobre a fortuna crítica da literatura no mundo latino-americano. Após apresentar uma minuciosa leitura do romance em sua totalidade, a autora conclui que seu protagonista vive uma experiência de deslocamento. Pensando encontrar-se numa posição central da Civilização, passa por uma trajetória originada numa situação de perda (ao mesmo tempo individual e, num sentido mais amplo e simbólico, coletiva), chegando a um conhecimento mais profundo de si. Como a um herói épico, esta experiência lhe possibilita conhecer o passado e desvendar o futuro. Seu percurso consiste no abandono da vida urbana, da “grande cidade”, indo em direção ao coração da selva. Só ele tem consciência de que fez o percurso do processo histórico ao inverso, ou seja, o deslocamento não é apenas espacial, mas também temporal. Assim, “romance de Carpentier é também – ou principalmente – um longo percurso da civilização ocidental, apoiada e possibilitada pela vasta cultura de seu autor”.

Diogo dos Santos Souza estuda a fusão de poesia, imaginação e história em alguns poemas dos últimos anos de Manoel de Barros em “Nas asas da imaginação do espaço do *Menino do Mato*, de Manoel de Barros”. O autor investiga como se dá a construção literária do espaço pantaneiro, pelo uso que o poeta faz da observação, da memória, da imaginação, em cotejo com a história e a geografia do pantanal mato-grossense. Para ele, sob o olhar de Bernardo, o *menino do mato*, uma imagem do pantanal se revela, uma espécie de entrelugar, que tem como polos o olhar da imaginação e o plano sugestivo da história e da geografia desta região brasileira.

Na seção “Vária”, em “A ‘Poesia Retórica’ e a ‘Retórica Poética’ em Aristóteles: observações sobre o recurso da metáfora na teoria aristotélica da persuasão”, Talita Janine Juliani e Matheus

de Pietro, a partir de uma análise sobre o conceito de metáfora em Aristóteles, buscam refletir sobre como o modo de discurso poético se entrecruza com o modo retórico. São tomadas, para estudo, algumas passagens da *Poética* e da *Retórica* aristotélicas. Assim, se é possível observar, por um lado, a relação entre metáfora e o “trabalho” com as palavras, “a transferência de sentidos e a sua contribuição à aquisição de conhecimento por parte do leitor, bem como a fluidez e elegância que dela podem advir quando utilizada no discurso persuasivo” (ou seja, no âmbito da arte retórica), por outro, é possível perceber que a obra poética, ao utilizar-se de termos raros e de metáforas, também permite argumentar e, conseqüentemente, persuadir.

Este número também traz os resumos das dissertações defendidas em 2017, por alunos do nosso programa.

Boa Leitura!

ANA CLÁUDIA ROMANO-RIBEIRO

HELVIO MORAES